

Um romancista em constante evolução

JOÃO ALVES DAS NEVES

Um escritor não nasce espontaneamente, constroi-se. Evoluindo permanentemente. E superando-se. Como fez José Cardoso Pires, que ontem autografou nesta Capital a sua primeira edição brasileira, *O Delfim*, romance que foi publicado em Lisboa em 1968.

Somente três anos depois o romance chega verdadeiramente ao Brasil, que permanece mais separado de Portugal do que unido pelo Atlântico. Não há a barreira da língua entre os dois países, mas a do sotaque, que não teria importância nenhuma, se não existissem os preconceitos. E se não houvesse, sobretudo, o mútuo desconhecimento da vida cultural de ambos os países.

Se *O Delfim* não tivesse sucessivamente em francês, espanhol e alemão — idiomas que, ao lado do inglês, do italiano e do russo, exercem especial fascínio sobre os nossos editores — é bem possível que José Cardoso Pires continuasse ignorado por mais algum tempo no Brasil. E, no entanto, desde 1946, quando publicou os contos de *Os Caminheiros*, o escritor logo se destacou entre os ficcionistas do seu país.

Vinte e dois anos separam os contos de estréia do romance que singularmente projetou Cardoso Pires nas letras portuguesas e nas européias. Entre o primeiro livro e o último, publicou mais seis: *Histórias de Amor* (contos, 1952), *O Anjo Anorado* (romance, 1958), *O Renter dos Heróis* (teatro, 1960), *Cartilha do Marialva* (ensaio, 1960), *Jogos de Azar* (contos, 1963) e *O Hospede de Job* (romance, 1964).

Oito volumes em vinte e dois anos que caracterizam a lenta mas gradual ascensão do esperançoso contista de 1946 que se guindou em 1968 à definitiva condição de escritor. E que, nos últimos três anos, se tornou conhecido na França, na Espanha e na Alemanha, onde recebeu os "vistos" que lhe permitiram, agora, atravessar o Atlântico. *O Delfim* pode estar condenado a tornar-se o livro "fétiche" de Cardoso Pires, como aconteceu a outro grande escritor português, Vergílio Ferreira, com *"Aparição"*. Contudo, se nos

lembramos de que foi constante a escalada do autor, desde o livro de estréia, é possível e desejável que ele se supere a si mesmo no próximo romance, ainda inacabado.

É fácil e difícil situar José Cardoso Pires no contexto das letras contemporâneas portuguesas. Fácil porque ele não é igual a nenhum dos outros escritores que, nos últimos vinte ou trinta anos, se revelaram. E difícil porque, na realidade, ele integra um grupo em que sobressaem escritores tão significativos como Fernando Namora ou Vergílio Ferreira, Agustina Bessa Luís ou Augusto Abelaira, Maria Judite de Carvalho ou Fernanda Botelho, Carlos de Oliveira ou Luís de Sttau Monteiro. E outros.

Apontado como neo-realista, Cardoso Pires não o é, de fato. Nem tampouco discípulo do "nouveau roman", como pretendem alguns. Em 1946, o seu realismo chegou a ser aparentado ao de Faulkner ou de Hemingway. Todavia, á medida que foi escrevendo e crescendo, literariamente, Cardoso Pires cada vez mais se afastou de correntes e de modelos, para se afirmar, portuguesamente, ele mesmo.

Quando relemos esta tardia edição de *O Delfim* — embora ela tenha o sabor de uma justa homenagem não apenas ao romancista mas a toda a literatura portuguesa contemporânea que o Brasil ainda ignora ou que só a lida e comentada nas Universidades, o que é um bom augúrio —, reencontramos, enfim, as raízes lusitanas. É certo que os escritores que imediatamente precederam ou vieram após a geração de Cardoso Pires trocaram o europeísmo exaltante por uma reatualização portuguesa. Com fidelidade e de olhos postos no futuro.

No começo, a releitura desta edição brasileira muito mal cuidada) sugere-nos dois grandes escritores: Eça de Queiroz e Aquilino Ribeiro, em *"A Ilustre Casa de Ramires"* e na *"Casa Grande de Romarigães"*. Um autor do fim do século XIX, outro da primeira metade do XX. Porém, José Cardoso Pires é um escritor de hoje. Considerá-lo assim não é um elogio, nem uma censura, mas apenas um propósito de o colocar na posição que ele efetivamente conquistou nas letras portuguesas.

Herói de Cardoso é o “tempo português”

“Le Monde”, “Quinzaine Littéraire” e “Le Nouvel Observateur” incluíram-no entre os melhores romances estrangeiros lançados na França em 1970. Publicado pela primeira vez em 1968, já foi traduzido para o espanhol, francês, italiano, alemão, russo e, brevemente, o será para o inglês, na Inglaterra e Estados Unidos. Mas só ontem, às 18 horas, “O Delfim” foi lançado na Livraria Teixeira, em São Paulo, com a presença de José Cardoso Pires, seu autor.

Considerado o maior romanista português da atualidade, e um dos mais importantes da literatura europeia e internacional, Cardoso Pires esteve no Brasil, há 10 anos, participando do Congresso de Crítica Literária, em Recife. Nessa época, como agora, o conhecimento de sua obra limitava-se aos meios universitários, embora vários dos seus 8 livros — romances, contos, uma peça de teatro e um ensaio sociológico

— pudessem ser encontrados nas livrarias. A Civilização Brasileira, que o edita e que o convidou a vir a São Paulo, deverá lançar outras edições brasileiras, tanto dos livros anteriores quanto dos futuros.

TEMPO PORTUGUÊS

Cardoso Pires explica “O Delfim” como uma “descrição da temperatura sentimental, moral, social e psicológica do tempo português, em seu sentido histórico e até físico”. Aba-

fando a trama policial que está por trás, o que ressalta no livro, segundo o autor, é a “singularidade de um país que vive em suspensão”. O herói do livro, frisa o escritor, é esse tempo. Sua estrutura, explica ainda, é organizada no sentido de comunicar o insolito e as contradições da realidade.

Em “O Delfim”, o livro de que Cardoso Pires gosta mais (“gosto sempre do último, como todo escritor”), a estrutura é quebrada, propositalmente. Os capítulos repetem-se inclusive, e com essa atitude o autor procura mostrar que a **suspensão abstrata** de um país conduz à mitomania. “O fato mais vertical e, aparentemente, mais objetivo, aparece desfocado no seu próprio mito”, diz.

TRÊS GERAÇÕES

Cardoso Pires divide a atual geração de escritores portugueses de importância em três tipos: “O que veio do neo-realismo e que se integra nas estru-

turas tradicionais, como Maria Judite de Carvalho, Urbano Tóvares Rodrigues e Vergílio Ferreira"; o segundo tipo, no qual ele próprio se inclui, é o que rompe com o tradicionalismo estrutural e, em certa medida, com a pressão linguística. Neste segundo grupo Cardoso Pires inclui, além dele, Herberto Elder. Finalmente há o escritor de pesquisa experimentalista, como Julio Moreira e Almeida Faria.

Atualmente com 45 anos, Cardoso Pires sempre viveu ligado à literatura. Dirigiu uma editora, um suplemento literário e exerceu a catedra universitária. Sua única atividade, agora, é escrever, mas nunca em Lisboa, porque a cidade o solicita demais. Seus livros, ou nascem nos arredores da cidade, em casa de amigos, ou no sul da Espanha. O processo de escrever exige que ele se isole totalmente, inclusive da família — a mulher e dois filhos.

Cardoso Pires conta que começou a escrever com 21 anos e não acredita que a imagem e as modernas técnicas eletrônicas constituam ameaça ao livro. "Ao contrário, diz, essas técnicas vão interferir e o livro ganhará novas expressões". Informa, a propósito, que sua próxima obra, a ser editada em Portugal e no Brasil, simultaneamente, baseia-se na linguagem das histórias em quadrinhos e será um "falso livro para crianças". Título: "Dinosauro Excelentíssimo".

TEATRO E ENSAIO

Além de contista e romancista, Cardoso Pires é ensaísta e dramaturgo. Sua peça "O Render dos Heróis" foi encenada há quatro anos, permanecendo 25 semanas em cartaz no Teatro Imperio de Lisboa, com direção de Fernando Gusmão. Montada pela Companhia de Teatro Moderno foi considerada um dos melhores espetáculos da temporada. No campo do ensaio escreveu "Cartilha do Marialva", em que estuda o complexo do machismo português.

Além de "O Delfim", com que, como ele mesmo reconhece, impôs-se internacionalmente, Cardoso Pires escreveu ainda "O Hospede de Job" (Prémio Camilo Castelo Branco, da Sociedade dos Escritores de Portugal, também traduzido para várias línguas, "Os Passageiros e Outros Contos", "Jogos de Azar", "O Anjo Ancorado" e "Histórias de Amor", proibido por razões políticas.